



ENTRE AS REDES GLOBAIS E AS VOZES LOCAIS: DIFERENCIAS DO TERRITÓRIO E CAMINHOS DA AÇÃO SOCIAL

BETWEEN GLOBAL NETWORKS AND LOCAL VOICES: TERRITORIAL
DIFFERENTIATIONS AND PATHWAYS FOR SOCIAL ACTION

ENTRE LAS REDES GLOBALES Y LAS VOCES LOCALES:
DIFERENCIACIONES DEL TERRITORIO Y CAMINOS DE LA ACCIÓN SOCIAL

André Pasti¹

0000-0003-0116-1853
andre.pasti@ufabc.edu.br

¹ Doutor em Geografia Humana. Professor de Planejamento Territorial e Ciências Humanas na Universidade Federal do ABC (UFABC). ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-0116-1853>. E-mail: andre.pasti@ufabc.edu.br.

Artigo recebido em outubro de 2024 e aceito para publicação em março de 2025.

RESUMO: Este artigo explora as possibilidades e caminhos para a análise das dinâmicas da comunicação nos territórios latino-americanos, levando em consideração as diferenciações territoriais em termos de densidades técnica, informacional e comunicacional dos lugares. Além disso, problematiza a relevância contemporânea dos recortes espaciais verticalizações e horizontalizações para as dinâmicas comunicacionais. Por fim, discute perspectivas para a transformação dos territórios com base no reconhecimento de rationalidades alternativas e na promoção de formas de comunicação ascendente.

Palavras-chave: Território. Comunicação. Comunicação ascendente. Lugar. Mídia.

ABSTRACT: This paper explores the possibilities and pathways for analyzing the dynamics of communication in Latin American territories, taking into account territorial differentiations in terms of technical, informational, and communicational densities of places. Additionally, it problematizes the contemporary relevance of spatial verticalizations and horizontalizations for communicational dynamics. Finally, it discusses perspectives for the transformation of territories based on the recognition of alternative rationalities and the promotion of upward communication.

Keywords: Territory. Communication. Upward communication. Place. Media.

RESUMEN: Este artículo explora las posibilidades y caminos para el análisis de las dinámicas de la comunicación en los territorios latinoamericanos, teniendo en cuenta las diferenciaciones territoriales en términos de densidades técnicas, informacionales y comunicacionales de los lugares. Además, se problematiza la relevancia contemporánea de las verticalizaciones y horizontalizaciones espaciales para las dinámicas comunicacionales. Finalmente, se discuten perspectivas para la transformación de los territorios basadas en el reconocimiento de rationalidades alternativas y la promoción de formas de comunicación ascendente.

Palabras clave: Territorio. Comunicación. Comunicación ascendente. Lugar. Medios.

INTRODUÇÃO

“A defesa de outras vozes é, sem dúvida, uma das mais relevantes dimensões das lutas sociais contemporâneas” (Ana Clara Torres Ribeiro, 2006, p. 27).

As condições concretas para a comunicação nos diferentes lugares e a capacidade de distintos agentes sociais de mobilizar essas possibilidades para enunciar seus projetos e seus lugares são elementos centrais para a ampliação da democracia. As tensões entre projetos para a organização do território passam pelas disputas de sentido na sociedade – ou seja, pelas possibilidades de colocar discursos e ideias em circulação. A pluralidade e a diversidade na comunicação são pilares da democracia (Albornoz, 2014, p. 16). No entanto, muitos temas são interditados no debate público pelos agentes concentradores de poder midiático na América Latina, dificultando a consolidação de projetos alternativos e da cidadania.

Para Milton Santos, “apenas a partir do momento no qual a informação se torna imediata é que podemos construir a teoria na ciência geográfica”, na medida em que se torna possível entender as

novas relações criadas pelas novas técnicas (Santos, 2008 [1988], p. 65). O conjunto da obra do autor traz grandes contribuições para a compreensão dos limites e possibilidades da comunicação no atual período da globalização (Santos, 2000), a partir da interpretação baseada no território usado. Para o autor, os usos do território se dão simultaneamente em duas dimensões – a dimensão dos objetos técnicos, chamada tecnosfera, e a dimensão dos imaginários, sentidos e crenças, chamada psicosfera (Santos, 2006 [1996]). Com Duarte (2023, p. 6), podemos considerar a psicosfera um “sistema de ideários, discursos, ideologias e imaginários que conformam o pensamento único que sustenta e fundamenta politicamente processos e formas socioespaciais da globalização”. Nesse sentido, é vital reconhecer o papel dos meios de comunicação na conformação dessa psicosfera, bem como a centralidade das disputas por outros sentidos e projetos nessa dimensão.

Neste artigo, mobilizamos alguns dos caminhos de método e aportes conceituais para interpretar as dinâmicas comunicacionais, buscando apresentar sentidos possíveis para interpretar a mídia no espaço geográfico e para potencializar transformações no território a partir da comunicação baseada efetivamente no cotidiano vivido nos lugares. Enfatizamos, aqui, o reconhecimento da diferenciação das densidades técnica, informacional e comunicacional dos lugares; e argumentamos que políticas públicas democráticas podem potencializar a comunicação efetivamente baseada nos cotidianos vividos nos lugares, sendo um importante caminho para a transformação dos territórios.

VERTICALIZAÇÕES E HORIZONTALIZAÇÕES NA COMUNICAÇÃO: A ATUALIDADE DE UM DEBATE

Partimos da consideração de uma tensão permanente entre dois recortes espaciais para a interpretação das dinâmicas comunicacionais a partir da obra de Milton Santos: as *horizontalizações* e *verticalizações* (2008 [1994], p. 99). Para o autor, “é a partir desses novos recortes espaciais, dessas novas subdivisões do espaço, que devemos pensar as suas novas categorias analíticas” (Santos, 2008 [1994], p. 99). Santos apresenta, assim, um entendimento de que os arranjos espaciais na atualidade não são apenas baseados na contiguidade, mas também de constelações de pontos descontínuos mas interligados. Ele chama de horizontalidades “extensões formadas de pontos que se agregam sem descontinuidade, como na definição tradicional de região” e verticalidades “pontos no espaço que, separados uns dos outros, asseguram o funcionamento global da sociedade e da economia” (Santos, 2006 [1996], p. 284).

As verticalidades aparecem como “vetores da modernidade mais moderna, transportadores de uma racionalidade superior, veículos do discurso pragmático dos setores hegemônicos” (Santos, 2008 [1994], p. 100). Essa verticalização pode acompanhar processos de “desculturalização” ao substituir pessoas, equilíbrios sociais de poder e dinâmicas próprias dos cotidianos dos lugares (Santos, 2012 [1985], p. 63). Já as horizontalidades, conforme Santos (2008 [1994], p. 100), “podem ser o lugar da finalidade imposta de fora, de longe ou de cima, quanto o da contrafinalidade” – nesse caso, sendo palco de um “cotidiano conforme, mas não conformista, o lugar da cegueira e da descoberta, da complacência e da revolta”.

O autor aponta que, na tendência predominante de apropriação das possibilidades do período da globalização por um pequeno número de agentes – configurando uma globalização perversa para grande parte dos territórios e dos agentes (Santos, 2000, p. 37–78) – há uma propensão por uma união vertical dos lugares. Nesse sentido, caberia destacar o entendimento do autor de que, com a

globalização, embora a informação seja cada vez mais presente e vital à vida cotidiana, à economia e à organização do território, seu comando segue centralizado em poucos agentes, sobretudo grandes empresas. Santos aponta, assim, um papel “verdadeiramente despótico da informação” (Santos, 2000, p. 38) – informação que poderia aproximar os lugares, não fosse ela estar sobretudo ao serviço dos poderosos, e não de todos (Santos, 2018, p. 158). Conforme Silva (2012), há a conformação de importantes círculos globais da informação, retratando o crescente poder das empresas globais sobre o destino dos territórios, da sociedade e da política, de forma descendente.

Esse entendimento segue atual. Como conta Mattelart (2002, p. 149–150), a integração das economias e dos sistemas de comunicação conduziu ao surgimento de novas disparidades entre países ou regiões e entre os grupos sociais. O estabelecimento de um mercado global e oligopólico acompanha o surgimento de conglomerados globais de comunicação concentrando diversas indústrias de mídia – poucos setores tiveram o mesmo nível de concentração (McChesney, 2010, p. 219–221). Essas transformações na comunicação são produto e condição da dinâmica global do capitalismo – expressões do motor único do capitalismo no setor midiático (Santos, 2000) e fundamentos para a produção da globalização e de suas bases discursivas (Moraes, 2010). Esses conglomerados se articulam, também, com firmas de consultoria, agências de rating e corporações do ramo da publicidade (Silva, 2012; Sombini; Silva, 2021).

Além desses conglomerados globais, as agências transnacionais de notícias se destacam entre os agentes hegemônicos da comunicação global. Essas agências possuem redes próprias de jornalistas distribuídos em diferentes lugares do mundo e coletam e vendem informações para diversos agentes, sobretudo outras empresas de comunicação. A partir de suas sedes, localizadas nos países capitalistas centrais, essas agências exercem um comando da circulação de notícias. Como afirmam Nabarro e Silva (2012, p. 71), “a visão de mundo, as abordagens políticas e as prioridades de assuntos contidas nas informações estarão intimamente relacionadas com os locais mais altos na hierarquia das redes, ou seja, com seus centros de controle e sistemas técnicos hegemônicos”. Os usos do território por essas agências se dão

em fluxo constante, acompanhando o tráfego das informações que transmitem, em permanente redesenho segundo as conexões que estabelecem ou cortam de acordo com as demandas flexíveis dos clientes. Ora uma agência transnacional fornece textos, fotos e vídeos para conglomerados localizados de clientes num continente específico, ora passa a fornecê-los a uma rede difusa e global, de acordo com demandas flutuantes e voláteis (Pasti; Aguiar, 2019, p. 182–183).

Com a globalização, a hierarquia do comando dos círculos globais de notícias permanece centralizada nessas agências, a partir de suas matrizes, nos países centrais do capitalismo, que atuam em parceria com os agentes midiáticos nacionais concentrados (Benayas, 2006, p. 103). Essa articulação de conglomerados globais de mídia, agências transnacionais de notícias e os poucos grupos nacionais de mídia concentrados – que são consumidores e retransmissores dos conteúdos dos agentes globais – caracteriza um cenário de comunicação oligopolizado, configurando mais uma “monocultura” (Nóbrega; Bandeira, 2023).

A concentração de propriedade de mídia, a concentração geográfica dos meios de comunicação e a orientação ao modelo privado-comercial são características comuns do setor midiático nas formações socioespaciais latino-americanas (Mastrini e Becerra, 2006). Os indicadores de Riscos à Pluralidade da Mídia, aferidos na pesquisa global chamada *Media Ownership Monitor* (RSF, 2019), indicam risco alto

ligado à concentração de audiência para os cinco países latino-americanos estudados – Argentina, Brasil, Colômbia, México e Peru. No Brasil, a pesquisa identificou os 50 veículos ou redes de comunicação de maior alcance e quem controla esses meios – pessoas e grupos midiáticos. O resultado dos dez indicadores aferidos de Riscos à Pluralidade da Mídia aponta um grave cenário de concentração na mídia nacional e fracas proteções regulatórias antimonopolistas no setor (Intervozes, 2017), com grandes riscos à democracia com a ausência de pluralidade e diversidade no debate público. Isso é observado na intensa concentração geográfica dos centros de comando das redes de comunicação atuando no território nacional em poucos lugares e na sub-representação de pessoas negras e de mulheres nos veículos de grande alcance, reduzindo a pluralidade e diversidade de vozes (Mielke; Gallas, 2013).

A concentração no setor comunicacional segue como tendência – “segundo praticamente todas as previsões, o nível de concentração só vai aumentar em futuro próximo” (McChesney, 2010, p. 221). Para Tim Wu (2016, p. 411), a perspectiva de uma nova era imperial da comunicação é mais factível do que nunca, qualquer que seja o locus da concentração. Há indicações, nas dinâmicas atuais da comunicação, de uma complementariedade e disputa entre os conglomerados de mídia e o que Valente (2023) chama de monopólios digitais. Estes monopólios digitais de grandes plataformas da internet teriam como características: (1) forte domínio de um nicho de mercado; (2) grande número de clientes, sejam eles pagos ou não; (3) operação em escala global; (4) espraiamento para outros segmentos para além do nicho original; (5) atividades intensivas em dados; (6) controle de um ecossistema de agentes que desenvolvem serviços e bens mediados pelas suas plataformas e atividades e (7) estratégias de aquisição ou controle acionário de possíveis concorrentes ou agentes do mercado (Valente, 2023, p. 165).

Dessa maneira, atualizam-se os agentes, mas permanece o que Santos chama de *violência da informação* como característica do período histórico, considerando a importância crescente da informação e o controle de sua produção e circulação centralizado por poucos agentes hegemônicos (Santos, 2000, p. 38–39). Como afirma Lefèvre (2023, p. 199), “o caráter invasivo e violento da nova versão do capitalismo baseada em tecnologias da informação e com uso de big data descontina o risco real de retrocessos nas conquistas civilizatórias da humanidade” – sendo a comunicação instrumentalizada são para o comércio “num sistema de trocas assimetricamente regulado pelas plataformas” (Evangelista, 2023, p. 195). A atualização dos agentes e das técnicas na Internet trazem desafios à análise, considerando que “o lapso temporal entre os estudos geográficos e a complexificação da técnica aumente o percurso desta caminhada teórica” (Israel, 2021, p. 234). A tendência atual segue sendo a centralização do comando da rede em poucos agentes.

Milton Santos (2000, p. 34) entende, no entanto, que o tempo histórico atual é um período e também é uma crise – enquanto período, “as suas variáveis características instalam-se em toda parte e a tudo influenciam, direta ou indiretamente”; já enquanto crise, “as mesmas variáveis construtoras do sistema estão continuamente chocando-se e exigindo novas definições e novos arranjos”. Segundo o autor, o período já acompanha tensões pela presença e convivência de condições materiais e técnicas de sua transformação, concomitantes à apropriação dessas possibilidades para produzir o mundo dos atores hegemônicos (Santos, 2000, p. 34–35). Entre essas tensões, cabe reconhecer as horizontalizações – no caso da comunicação, sobretudo a partir da possibilidade da apropriação das novas técnicas do período atual. Como afirma o autor,

as famílias de técnicas emergentes com o fim do século XX [...] oferecem a possibilidade de superação do imperativo da tecnologia hegemônica e paralelamente admitem a proliferação novos arranjos, com a retomada da criatividade. Isso, aliás, já está se dando nas áreas da sociedade em que a divisão do trabalho se produz de baixo para cima. Aqui, a produção do novo e o uso e a difusão do novo deixam de ser monopolizados por um capital cada vez mais concentrado para pertencer ao domínio do maior número, possibilitando afinal a emergência de um verdadeiro mundo da inteligência. Desse modo, a técnica pode voltar a ser o resultado do encontro do engenho humano com um pedaço determinado da natureza – cada vez mais modificada –, permitindo que essa relação seja fundada nas virtualidades do entorno geográfico e social, de modo a assegurar a restauração do homem em sua essência (Santos, 2000, p. 165).

O presente período histórico acompanha, portanto, a emergência de experiências que permitem vislumbrar a comunicação em outros parâmetros, outros usos das técnicas e lutas por outras regulações que potencializem as vozes baseadas nos lugares. Há inúmeros meios de comunicação com vínculo ativo com as dinâmicas locais. Além de vocalizar agentes sociais, esses meios também podem ampliar a possibilidade de narrar o lugar e produzir sentidos vinculados ao cotidiano ali compartilhado. Como afirma Serpa (2011),

apropriar-se – taticamente – dos meios de comunicação em uma escala local significa, para os grupos e iniciativas envolvidos nesses processos, enunciar um lugar a partir da ação e do discurso, “fabricando” lugares nas mais diversas escalas espaciais, para a reprodução de novas ideias de cultura a partir da criatividade e da subversão (Serpa, 2011, p. 24)..

Um grande número de iniciativas de comunicação promovem essas dinâmicas horizontais e trocas efetivas nos lugares. A chamada comunicação popular, alternativa e comunitária (Vinelli, 2013, p. 3-4) faz da vizinhança e da proximidade a base de sustentação de seu projeto – às vezes expresso em formas de militância territorial e política transformadora; outras vezes, como um espelho da identidade local, onde as pessoas do lugar podem se reconhecer (Vinelli, 2014, p. 117). A apropriação tática das possibilidades técnicas e as disputas por usos e projetos alternativos de comunicação ganham centralidade, assim, na agenda das lutas sociais do território.

Santos (2006 [1996], p. 35) resgata a consideração sobre o fenômeno técnico em sua amplitude, já que “só o fenômeno técnico na sua total abrangência permite alcançar a noção de espaço geográfico” (Santos, 2006 [1996], p. 37). Como afirma Silveira (2012, p. 218), é necessário “ver o fenômeno técnico na sua contemporaneidade, indo além das manifestações particulares da técnica”, analisando o contexto, a gênese, os desdobramentos, quem usa e quem regula a técnica. A agenda para potencializar essas dinâmicas horizontais de apropriação das técnicas pelos de baixo para usos contra-hegemônicos das redes engloba, assim, a ampliação do acesso social às novas técnicas, da defesa de usos transformadores dessas novas tecnologias e a defesa de novas normas que garantam o controle social dessas redes informacionais do atual período (Ribeiro, 2000, p. 22). Para promover uma comunicação baseada nos lugares, é necessário reconhecer as novas diferenciações do território.

AS VOZES DOS LUGARES E A COMUNICAÇÃO ASCENDENTE

A cartografia tradicional enfatizava apenas a densidade populacional, enquanto é possível pensar as densidades e rarefações de diversas questões nas diferenciações do território, lembram Milton Santos e María Laura Silveira (2001, p. 260). O território “mostra diferenças de densidades quanto às coisas, aos objetos, aos homens, ao movimento das coisas, dos homens, das informações, do dinheiro e também quanto às ações”. Eles destacam que é possível – para o território como um todo ou para uma de suas parcelas – “calcular densidades técnicas, informacionais, normativas, comunicacionais etc.” (Santos; Silveira, 2001, p. 261). Santos (2006 [1996]) identifica diferentes cargas de conteúdo técnico, informacional e comunicacional que os espaços apresentam no período atual, criando diferentes densidades. A densidade técnica seria dada pelos graus de artifício, variando do espaço jamais tocado pelo homem até a prevalência dos objetos técnicos (Santos, 2006 [1996], p. 257). A *densidade informacional* nos indicaria o grau de exterioridade do lugar e a realização de sua propensão a entrar em relação com outros lugares, já que a informação introduz uma intervenção vertical no espaço, que geralmente ignora seu entorno. Já a *densidade comunicacional* resultaria do tempo plural do cotidiano partilhado, o tempo conflitual da copresença, estando ligada às dinâmicas horizontais de trocas do lugar (Santos, 2006 [1996], p. 258).

Há, assim, lugares que acumulam mais densidades técnicas e informacionais – chamados de espaços luminosos da globalização (Santos; Silveira, 2001, p. 264), estando mais aptos a atrair atividades com maior conteúdo em capital, tecnologia e organização – são “mais suscetíveis de participar de regularidades e de uma lógica obediente aos interesses das maiores empresas”. Em oposição, os subespaços em que essas densidades estariam menos presentes são chamados pelos autores de espaços opacos. Conforme Ribeiro (2012, p. 66-67),

A luz também escolhe, seleciona e oculta, engrandecendo espaços, transformados em espaços luminosos, e esmaecendo ou esquecendo outros, abandonados em sua opacidade. Uma opacidade que se aproxima da falta de importância, do desinteresse, do literal apagamento e do radicalmente negativo. [...] O excesso de luz, produzido pela técnica e pela máquina, também traz cegueira. Este excesso, condutor das ações celebradas pela mídia hegemônica, impede a percepção de possibilidades de ação alternativa e, assim, de rationalidades alternativas (Ribeiro, 2012, p. 66-67).

Há, aqui, um cuidado necessário: ainda que os espaços luminosos, de maior densidade técnica e informacional, sejam espaços mais conectados às redes globais de informação, isso não os torna espaços onde há comunicação e troca efetiva. Para Ribeiro (2012, p. 68), os espaços opacos “são espaços com menos técnica e mais inventividade, com menos dominação e mais domínio, o que estimula a articulação entre esses espaços e a problemática trazida pela consideração do corpo na leitura do espaço-tempo”. Daí a importância da noção de densidade comunicacional, baseada na troca efetiva, partindo do cotidiano compartilhado nos lugares, nas dinâmicas comunicativas horizontais. Assim, em diálogo com a compreensão da tensão entre círculos de informações ascendentes e descendentes, de Adriana Bernardes Silva (2010), propomos falar em *comunicação ascendente* em oposição às *informações descendentes* (Pasti, 2024).

Iñiguez Rojas (2014, p. 151) sugere a identificação de espaços “silenciosos” ou espaços “do silêncio”. Talvez um caminho analítico fértil passe por compreender a diferenciação entre *espaços silenciados* – de baixa densidade comunicacional, sejam eles conectados às redes informacionais

globais ou não – e *espaços comunicativos*, de alta densidade comunicacional, capazes de emitir e ressoar enunciações do lugar. Olhar para a densidade comunicacional dos lugares nos remete ao reconhecimento de espaços opacos também como espaços de sobrevivência (Ribeiro, 2012, p. 67), portadores de ações, projetos e rationalidades alternativas.

Nas rugosidades do espaço “coexistem grilhões, que podem surgir como ordens acumuladas, segregações, formas de controle social, modernizações parciais e excludentes, e recursos que possibilitam a ação do homem lento” (Ribeiro, 2012, p. 69). É fundamental, assim, identificar, para além da ultra visibilidade das redes globais, as dinâmicas comunicacionais dos lugares e os novos sujeitos das lutas sociais, cujas ações

apresentam, agora, maior complexidade, confrontando paradigmas que orientaram, até há pouco tempo, os projetos de transformação social. Estes sujeitos propõem novos híbridos institucionais, atuam em várias escalas, exigem a releitura do Estado, defendem diferentes sentidos de nação, rejuvenescem tradições e impedem a sua completa absorção em instituições da modernidade (Ribeiro, 2005, p. 268).

A promoção da democratização da comunicação em um território exige a realização de políticas de comunicação, no âmbito do Estado, capazes de transformar as condições normativas, técnicas e de organização dos lugares para ampliar sua densidade comunicacional, fomentando a produção e a circulação de informações ascendentes nos espaços silenciados. Uma dimensão importante passa pela densidade técnica ligada ao uso livre e transformador das técnicas da informação e da comunicação. Iniciativas, necessárias, de universalização do acesso social às redes somam-se, assim, a diversos usos transformadores. A adoção de tecnologias abertas e do paradigma do conhecimento aberto (Amadeu da Silveira, 2014), iniciativas de bancos públicos de informações, o financiamento coletivo de reportagens, iniciativas no paradigma da produção colaborativa de informações, redes comunitárias, uso de criptografia para proteger a privacidade de organizações e ativistas e tantas outras práticas se somam à apropriação da radiodifusão nos lugares. Como afirma Santos (2000, p. 174), as técnicas da informação

são constitucionalmente divisíveis, flexíveis e dóceis, adaptáveis a todos os meios e culturas, ainda que seu uso perverso atual seja subordinado aos interesses dos grandes capitais. Mas, quando sua utilização for democratizada, essas técnicas doces estarão ao serviço do homem (Santos, 2000, p. 174).

Romper com a violência da informação passa, também, pela amplificação do alcance das vozes dos espaços silenciados, ou seja, pela criação de condições para a ampliação da densidade comunicacional dos lugares. Isso envolve um grande conjunto de ações possíveis. De um lado, por exemplo, iniciativas de grupos baseados nos lugares, instalando, paralelamente à rationalidade hegemônica, contrarrationalidades (Santos, 2006 [1996], p. 309) a partir das minorias, dos pobres, dos agentes não-beneficiados e fundadas nos espaços silenciados. De outro, há um caminho muito frutífero na promoção de intervenções do planejamento territorial e de políticas de comunicação que considerem a dimensão do território com vistas a promover transformações técnicas, normativas e de organização nos lugares para potencializar sua densidade comunicacional. Já há experiências

muito potentes nesse sentido disputadas e efetivadas na América Latina, que trazem um aprendizado importante para futuras iniciativas (Arroyo; Pasti, 2022). Muitas delas – talvez as de maior potencial transformador – envolvem processos com participação efetiva dos diversos agentes e sujeitos dos lugares, por meio de ações de planejamento participativo, cogestão e envolvimento comunitário (Pasti, 2021), construindo redes de outro sentido – de fato, de “baixo para cima”, potencializando as vozes locais. Como afirma Milton Santos (2000, p. 174), enquanto ainda é dominante a realização da história a partir dos vetores “de cima”, é possível disputar, construir e realizar outra história a partir dos vetores “de baixo”, com toda sua diversidade.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O *mundo como pode ser* passa pelo reconhecimento e pelo fomento da diversidade e pela emergência de “uma cultura popular que se serve dos meios técnicos antes exclusivos da cultura de massas, permitindo-lhe exercer sobre esta última uma verdadeira revanche ou vingança” (Santos, 2000, p. 21). Promover condições para a ampliação da densidade comunicacional dos lugares silenciados – buscando transformá-los em espaços comunicativos – é um caminho para democratizar efetivamente a comunicação a partir do território. É necessário resgatar as experiências do repertório latino-americano de lutas sociais e políticas públicas que tensionaram a concentração da comunicação e potencializaram vozes de outros sujeitos, permitindo a circulação de outros projetos de sociedade.

Que possamos, inspirados por Milton Santos, caminhar na direção de “pensar na produção local de um entendimento progressivo do mundo e do lugar, com a produção indígena de imagens, discursos, filosofias, junto à elaboração de um novo *ethos*, de novas ideologias e novas crenças políticas, amparadas na ressurreição da ideia e da prática da solidariedade” (Santos, 2000, p. 169). Esse desafio passa por criar condições, nos lugares, para que esses discursos e ideias possam circular e ressoar pelo território.

REFERÊNCIAS

- ALBORNOZ, Luis A. Comunicação plural, diversidade cultural. In: DANTAS, Marcos; KISCHINHEVSKY, Marcelo (Org.). **Políticas públicas e pluralidade na comunicação e na cultura**. Rio de Janeiro: E-Papers, 2014.
- AMADEU DA SILVEIRA, Sérgio. Entre Software e Genes: A resistência ao paradigma do conhecimento patenteado. **Liinc em Revista**, v. 10, n. 2, 5 dez. 2014. Disponível em: <<http://revista.ibict.br/liinc/article/view/3597>>. Acesso em: 7 set. 2020.
- ARROYO, Mónica; PASTI, André. Meios de comunicação e território: a disputa entre concentração e democratização na América Latina. **Ciência Geográfica**, Bauru, v. XXVI, n. 2, 2022.
- BENAYAS, Ignacio Muro. **Globalización de la información y agencias de noticias: entre el negocio y el interés general**. Barcelona: Paidós, 2006.
- DUARTE, Luciano. Introdução e apresentação. In: **Psicosfera**: contribuições teóricas a partir de investigações geográficas. Porto Alegre: Totalbooks, 2023.
- EVANGELISTA, Rafael. Nascidas para lucrar: como as grandes plataformas controlam o debate on-line e ameaçam a democracia. In: BANDEIRA, O.; MENDES, G.; PASTI, A. **Quem controla a**

- mídia?** Dos velhos oligopólios aos monopólios digitais. São Paulo: Veneta, 2023.
- ÍÑIGUEZ ROJAS, Luisa. Entrevista. **Boletim Campineiro de Geografia**, v. 4, n. 1, 2014.
- INTERVOZES. **Monitoramento da Propriedade da Mídia no Brasil 2017**. Relatório de Pesquisa. [S.I.]: Repórteres Sem Fronteiras; Intervozes, 2017. Disponível em: <<http://quemcontrolaamidia.org.br>>. Acesso em: 3 nov. 2017.
- ISRAEL, Carolina. B. Um excuso sobre a Geografia da Internet e do ciberespaço: revisitando os legados teóricos. **Boletim Campineiro de Geografia**, v. 11, n. 2, 2021.
- LEFÈVRE, Flávia. Os mercados de dados pessoais. In: BANDEIRA, O.; MENDES, G.; PASTI, A. **Quem controla a mídia?** Dos velhos oligopólios aos monopólios digitais. São Paulo: Veneta, 2023.
- MASTRINI, Guillermo; BECERRA, Martín. **Periodistas y Magnates. Estructura y concentración de las industrias culturales en América Latina**. Buenos Aires: Prometeo Libros, 2006.
- MATTELART, Armand. **A globalização da comunicação**. Bauru (SP): Edusc, 2002.
- MIELKE, Ana Cláudia; GALLAS, Luciano. Desafios à pluralidade e à diversidade no atual cenário da mídia brasileira. In: BANDEIRA, O.; MENDES, G.; PASTI, A. **Quem controla a mídia?** Dos velhos oligopólios aos monopólios digitais. São Paulo: Veneta, 2023.
- MCCHESNEY, Robert W. Mídia global, neoliberalismo e imperialismo. In: MORAES, Dênis De (Org.). **Por uma outra comunicação: mídia, mundialização cultural e poder**. Rio de Janeiro: Record, 2010.
- MORAES, Dênis De. O capital da mídia na lógica da globalização. In: MORAES, Dênis De (Org.). **Por uma outra comunicação: mídia, mundialização cultural e poder**. Rio de Janeiro: Record, 2010.
- NABARRO, Wagner; SILVA, Adriana Bernardes. Informação e território: a Agence France-Presse no Brasil. **Boletim Campineiro de Geografia**, v. 2, n. 1, 2012.
- NOBREGA, Camila; BANDEIRA, Olivia. No rastro do avanço de três monoculturas: mídia, tecnologia e agricultura em perspectiva. In: BANDEIRA, O.; MENDES, G.; PASTI, A. **Quem controla a mídia?** Dos velhos oligopólios aos monopólios digitais. São Paulo: Veneta, 2023.
- PASTI, André; AGUIAR, Pedro. Geografia das agências de notícias: apontamentos para uma análise espacial da circulação da informação. In: MOREIRA, Sonia Virginia *et al.* (Org.). **10 anos: o percurso do grupo de pesquisa Geografias da Comunicação no Brasil**. São Paulo: Intercom, 2019.
- PASTI, André. Voces locales en el audiovisual argentino: la regionalización de la comunicación en el Programa Polos Audiovisuales Tecnológicos. **Estudios Socioterritoriales, Revista de Geografia**, Tandil (Argentina), v. 29, p. 1-23, 2021.
- PASTI, André. Comunicação e território: fundamentos conceituais a partir da Teoria Crítica do Espaço. **Elisée – Revista de Geografia da UEG**. v. 13, n. 1, 2024.
- RIBEIRO, Ana Clara Torres. A natureza do poder: técnica e ação social. **Interface - Comunicação, Saúde, Educação**, v. 4, n. 7, 2000.
- RIBEIRO, Ana Clara Torres. Outros territórios, outros mapas. **Osal**, v. 6, n. 16, 2005.
- RIBEIRO, Ana Clara Torres. A cidade neoliberal: crise societária e caminhos da ação. **Osal**, v. 7, n. 21, 2006.
- RIBEIRO, Ana Clara Torres. **Homens lentos, opacidades e rugosidades**. Redobra, Salvador, n. 9, p. 58-71, 2012.
- RSF. **Panorama Regional América Latina - Media Ownership Monitor Latin America**. Disponível em: <<http://latin-america.mom-rsf.org/es/>>. Acesso em: 20 set. 2020.

- SANTOS, Milton. A Geografia - impasse e desafios no final do século XX. **Boletim Campineiro de Geografia**, v. 8, n. 1, 2018.
- SANTOS, Milton. **A natureza do espaço: técnica e tempo, razão e emoção**. São Paulo: Edusp, 2006 [1996].
- SANTOS, Milton. **Espaço e Método**. São Paulo: Edusp, 2012 [1985].
- SANTOS, Milton. **Metamorfoses do Espaço Habitado**. São Paulo: Edusp, 2008 [1988].
- SANTOS, Milton. **Por uma outra globalização: do pensamento único à consciência universal**. Rio de Janeiro: Editora Record, 2000.
- SANTOS, Milton. **Técnica, Espaço, Tempo: globalização e o meio técnico-científico informacional**. São Paulo: Edusp, 2008 [1994].
- SANTOS, Milton; SILVEIRA, María Laura. **O Brasil: território e sociedade no início do século XXI**. Rio de Janeiro: Editora Record, 2001.
- SERPA, Ângelo. **Lugar e mídia**. São Paulo: Contexto, 2011.
- SILVA, Adriana Bernardes. Círculos de informações e novas dinâmicas do território brasileiro. In: XVI Encontro Nacional de Geógrafos, 2010, Porto Alegre. **Anais[...]** Porto Alegre: AGB, 2010.
- SILVA, Adriana Maria Bernardes. Círculos de Informações, Urbanização e Usos do Território Brasileiro. **Revista da ANPEGE**, v. 8, n. 10, 2012.
- SILVEIRA, María Laura. Geografia e mundo contemporâneo: pensando as perguntas significativas. **Boletim Campineiro de Geografia**, v. 2, n. 2, 2012.
- SOMBINI, Eduardo; SILVA, Adriana Bernardes. Redes globais de informação no território brasileiro: dinâmicas do circuito publicitário na cidade de São Paulo. **Boletim Campineiro de Geografia**, v. 11, n. 1, 2021.
- VALENTE, Jonas. A emergência dos monopólios digitais: concentração e diversidade na internet no Brasil. In: BANDEIRA, O.; MENDES, G.; PASTI, A. **Quem controla a mídia?** Dos velhos oligopólios aos monopólios digitais. São Paulo: Veneta, 2023.
- VINELLI, Natalia. De la posibilidad de existencia a las condiciones de funcionamiento aceptadas. Las dificultades del encuadramiento de la alternatividad dentro de la categoría sin fines de lucro. **AVATARES de la Comunicación y la Cultura**, n. 6, 2013. Disponível em: <<http://ppct.caicyt.gov.ar/index.php/avatares/article/viewFile/2897/pdf>>. Acesso em: 17 ago. 2018.
- VINELLI, Natalia. **La television desde abajo: historia, alternatividad y periodismo de contrainformación**. Buenos Aires: Editorial Cooperativa El Río Sueno, El Topo Blindado, 2014.
- WU, Tim. **El interruptor principal: auge y caída de los imperios de la información**. México: FCE, 2016.